

FUTURES LITERACY: CONSTRUÇÃO COMUNICACIONAL DE UMA COMPETÊNCIA DO TRABALHO NO “MUNDO PÓS-PANDÊMICO”

FUTURES LITERACY: COMMUNICATIONAL CONSTRUCTION OF A WORK COMPETENCE IN THE “POST-PANDEMIC WORLD”

Vander Casaqui

Universidade Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7823-9861>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i0.66592

RESUMO:

Este artigo trata da noção de *futures literacy*, ou alfabetização de futuros, criada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e disseminada pelo World Economic Forum, para compreender como o conceito serve à construção de competências a serem desenvolvidas pelos sujeitos para se adequarem ao mundo do trabalho e ao sistema capitalista no contexto pós-pandemia da covid-19. Analisamos as dinâmicas discursivas e os processos comunicacionais que fazem do futuro algo a ser gerenciado, produzido em função de um projeto que corresponde ao imaginário neoliberal. A metodologia do estudo parte da triangulação entre a noção de discurso social, a análise do discurso neoliberal e a história dos conceitos. Entre as principais conclusões, destacamos a construção comunicacional do contexto pandêmico como oportunidade para convocar os sujeitos para o empreendimento de si e a forma como as competências para gerenciar futuros expressam a ideologia e a crise do capitalismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, trabalho, futuro, discurso, neoliberalismo.

ABSTRACT:

This article discusses the notion of *futures literacy*, coined by UNESCO and disseminated by the World Economic Forum, to understand how the concept serves to build skills that individuals need to develop in order to adapt to the world of work and the capitalist system in the post-COVID-19 pandemic context. We analyze the discursive dynamics

and communication processes that define the future as something to be managed and produced according to a project that corresponds to the neoliberal imaginary. The study methodology is based on the triangulation among the notion of social discourse, the analysis of neoliberal discourse, and the history of concepts. Among the main conclusions, we highlight the communicational construction of the pandemic context as an opportunity to call subjects to self-entrepreneurship, and the way in which competencies to manage futures express the ideology and crisis of contemporary capitalism.

KEYWORDS: Communication, work, future, discourse, neoliberalism.

INTRODUÇÃO

Em entrevista realizada para o site brasileiro de economia e finanças InvestNews, publicada em 9 de novembro de 2020¹, ou seja, durante a pandemia da covid-19, o futurista brasileiro Tiago Mattos fala sobre “Os 5 fenômenos do futuro do trabalho”. Entre as cinco previsões feitas por ele em meio ao cenário de incertezas, influenciado pelo acontecimento que surpreendeu os consultores e futuristas de mercado, destacamos duas tendências. A primeira é denominada “Profissões virando habilidades”: os empreendedores/trabalhadores de qualquer ramo de atividade não serão mais demandados por especialidades desenvolvidas com o tempo, pois deverão ser identificados pela capacidade de “criar mais habilidades” a cada nova mudança no âmbito da produção capitalista. A segunda tendência, “Carreiras virando ciclos de aprendizagem”, desenha uma realidade constituída por transformações constantes, o trabalho por demandas e projetos de curto prazo, em que a “[...] única opção profissional é continuar a aprender sempre, buscando novos desafios, que vão se apresentar em ciclos sucessivos”.

Esses dois aspectos sintetizam as questões tratadas neste artigo: a constituição das competências em projeções do mundo do trabalho baseadas na instabilidade do contexto econômico gerado pela crise sanitária; a ideia de carreira estabelecida por ciclos, por renovações e por mudanças contínuas, o que não dá lugar para as habilidades adquiridas a longo prazo; e, por fim, uma noção de aprendizagem transformada em competência e cooptada para servir à mentalidade do profissional do futuro, que é convocado a ser um gestor eficaz de sua adaptação permanente a cenários moventes. Essa conjunção de competências laborais e aprendizado irá formar o imaginário do futuro do trabalho, que discutiremos por meio de discursos produzidos pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e pelo World Economic Forum (WEF).

A pandemia da covid-19, que tragicamente provocou milhões de mortes ao redor do mundo (contabilizadas a partir de sua decretação, pela Organização Mundial da Saúde [OMS], em 11 de março de 2020²), produziu consequências que se desdobram em novos discursos nos dias atuais, passados poucos anos do ápice do acontecimento que modificou nossas vidas em tempos recentes. A crise sanitária global foi associada a uma previsível crise econômica, derivada do necessário isolamento social, do desaquecimento da atividade produtiva e de negócios em diversos setores e do fechamento de pequenos comércios e empresas, além de uma grande perda de postos de trabalho. Se para a OMS a pandemia era a crise urgente a ser atacada, para os agentes globais do mercado capitalista, como o WEF, a afetação da atividade econômica em diversos setores estava no centro das atenções. É nesse contexto histórico, o qual coloca como protagonista os riscos derivados da pandemia para a economia global, especialmente relacionados ao mundo do trabalho, que situamos nosso estudo em abordagem comunicacional.

Este artigo é parte do projeto que trata dos discursos e das narrativas sobre o futuro, associados ao que Carrico (2013, p. 52-53) denomina “*futurologia mainstream*”: os relatórios ou *white papers*³ produzidos por agentes globais, como o WEF, são os exemplos mais evidentes do objeto da análise crítica do autor. Tal crítica é baseada no pressuposto de que os cenários construídos em torno do futuro do trabalho, que é nosso principal recorte de pesquisa nesse universo de discursos da *futurologia mainstream*, estão a serviço da ideologia capitalista e de sua reconfiguração para novos tempos. A reestruturação do sistema, que tem uma dimensão comunicacional, se apoia em um *processo individualizatório*, como discute Beck (2011): para o autor, esse processo, que tem sua gênese em tempos remotos, na contemporaneidade está baseado em um modelo universal. Esse modelo é uma “individualização” tripla, sustentada em três momentos:

desprendimento em relação a formações e vínculos sociais estabelecidos historicamente, no sentido de contextos de domínio e provimento (“dimensão da libertação”), *perda de seguranças tradicionais*, com relação a formas sabidas de atuação, crenças e normas de direcionamento (“dimensão do desencantamento”) e [...] uma *nova forma de enquadramento social* (“dimensão do controle e da reintegração”) (Beck, 2011, p. 190, grifo do original).

Beck aponta os limites desse modelo universal, principalmente pelo seu caráter *a-histórico*, propondo a inclusão de uma segunda dimensão de análise, que contempla as *condições objetivas de vida* e a *consciência/identidade subjetiva*. Nesse espectro, conclui sobre os paradoxos da individualização na atualidade, por corresponder a uma “dependência do mercado em todas as dimensões da conduta na vida”, o que implica a

condução das pessoas a “*uma padronização e um direcionamento controlados de fora*” (Beck, 2011, p. 195, grifo do original).

No contexto da sociedade neoliberal (Dardot; Laval, 2016), tal processo é entendido como a *produção do sujeito neoliberal* - o que implica a governamentalidade dos indivíduos por meio da ética e da razão econômica, em que a competitividade e a responsabilização seguem juntas, na conformação social a um modelo cujo sujeito é convocado a alcançar o sucesso e se torna o principal responsável pelo seu fracasso. O governo, na perspectiva foucaultiana adotada por Dardot e Laval (2016), é a condução da conduta, ou seja, a convocação dos sujeitos para que incorporem os preceitos neoliberais e vejam a si mesmos como objeto de gestão, como um capital humano a ser administrado por si mesmo - uma empresa de si. Considerando os pressupostos teóricos que buscam problematizar o contexto socioeconômico que afeta as mudanças recentes no mundo do trabalho, surge a questão norteadora deste artigo: *de que forma as competências do trabalhador são projetadas para o futuro, em um cenário presente afetado pelo acontecimento da pandemia da covid-19?*

Este estudo tem como objeto os discursos que constroem e publicizam o conceito de “*futures literacy*”, ou “alfabetização de futuros”, noção que organiza as prescrições de agentes globais para a construção de um novo mundo possível que supere a crise econômica e os riscos derivados da pandemia da covid-19 - como evidencia o texto “These 4 skills can make the world better after COVID-19”, assinado pelo World Economic Forum⁴ (Figura 1). Esse artigo, divulgado e compartilhado nas redes digitais⁵, serve de referência, diagnóstico e cenário para agentes relacionados à economia, ao empreendedorismo, ao mundo do trabalho, ao apontar competências que devem ser adquiridas pelos sujeitos de hoje, as quais são tidas como essenciais para que eles possam se tornar responsáveis pelo gerenciamento do futuro do capitalismo.

A relevância do material do WEF para esta pesquisa se justifica por alguns fatores: a) publicado em agosto de 2020, o texto é assinado por pesquisadores vinculados à Università di Trento, sintetizando o estudo do Italian Institute for the Future em meio a um dos momentos mais graves da pandemia - a Itália foi um dos países com mais vítimas da covid-19, especialmente nos primeiros meses da crise sanitária; b) o WEF está entre os agentes globais que mais publicam estudos sobre o futuro da economia e seus desdobramentos, como é a questão do trabalho. Sua assinatura amplifica as ideias apresentadas sobre as competências laborais, influenciando o mundo corporativo, políticas públicas

e iniciativas pedagógicas relativas à formação profissional; c) o WEF é uma organização que, neste século, tem elaborado regularmente relatórios sobre os riscos para cenários futuros (a série Global Risks Report, que conta com quinze edições atualmente, foi lançada em 2010) . Como o risco da pandemia não foi previsto nos relatórios anteriores a 2020, esse texto publicado em agosto do mesmo ano adquire a importância simbólica de representar uma correção de prognósticos anteriores, como uma espécie de “errata” e adendo de publicações passadas.

Figura 1: 4 habilidades necessárias para um mundo pós-pandêmico



Fonte: As 4 habilidades [...] (2021).

A perspectiva comunicacional que fundamenta nossa pesquisa é baseada na relação entre comunicação e discurso, por observar os encadeamentos discursivos estabelecidos nas redes digitais, pelos agentes que compõem uma cena social e midiática, associada ao mercado neoliberal. Essa dinâmica discursiva está a serviço da publicização de um ideário que se ajusta ao debate sobre a *cultura da inspiração* (Casaqui, 2017). Ou seja, sustenta-se por um contrato comunicativo baseado na relação entre agentes “inspiradores”, que assumem o papel de propagar sua ideologia como algo a ser seguido, replicado, tendo uma certa aura de “bem comum” que dissimula o caráter de governamentalidade desses discursos; e os agentes e indivíduos a serem inspirados, que buscam mimetizar os preceitos publicizados, o receituário neoliberal, estabelecendo novas cadeias de compartilhamento de ideias, valores, comportamentos que compõem essa cultura. Segundo Charaudeau (2007, p. 42):

A linguagem nasce, vive e morre na intersubjetividade. É falando com o outro - isto é, falando o outro e se falando a si mesmo - que comenta o mundo, ou seja, descreve e estrutura o mundo. [...].

Assim, todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação. [...] O sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca.

Dessa forma, nossa pesquisa se situa entre o debate sobre as interações sociais, sustentadas por contratos comunicativos de certa comunidade que compartilha o ideário neoliberal, e a análise das representações e visões de mundo, derivadas dessa relação construída em função de uma leitura específica do que é o futuro e de como ele pode servir a uma razão instrumental partilhada, em prol de um projeto de sociedade.

É importante ressaltar que a noção de *futures literacy*, conforme apontam os próprios documentos que compõem este estudo, foi desenvolvida pela Unesco. A referência a essa entidade serve para atribuir um viés social e de interesse público à visão neoliberal promovida pelos agentes econômicos, por meio da apropriação de uma proposta educacional para a formulação de competências profissionais adequadas ao capitalismo do futuro. A relação entre a Unesco como instituição legitimadora e políticas sociais alinhadas ao mercado não surpreende: Matus e Talburt (2015), em seu estudo sobre o processo de reforma curricular universitária nos Estados Unidos em 2008, demonstram os paradoxos da combinação entre a criação de sistemas de raciocínio e a produção de um imaginário global neoliberal, com o objetivo conjunto dos diversos atores (organizações, mercado, Estado) de “produzir cidadãos globais para o futuro”, como anuncia o título do artigo. A proposta da *futures literacy*, em uma perspectiva preliminar, tem plena aderência a essa leitura crítica elaborada pelas autoras, o que verificamos por meio da análise discursiva.

Em síntese, tratamos de cenários sociais e de suas implicações quanto aos sujeitos interpelados (responsabilizados) individualmente, no que se refere à produção de mentalidades e de subjetividades, articuladas a um *projeto de sociedade* legitimado pela visão emergencial do enfrentamento dos riscos à economia global.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE ANÁLISE

Fundamentamos nossa abordagem metodológica a partir das propostas de Angenot (2010) e Guilbert (2020). Angenot propõe a noção de discurso social para o estudo da materialidade discursiva em seu espriamento em determinado cenário social, demarcado histórica e culturalmente. Com isso, o autor busca compreender como o espírito

do tempo, plasmado pelos códigos hegemônicos situados em certo contexto, ganha legitimidade e compõe dada orquestração de vozes, no sentido bakhtiniano de reiteração de ideologias, de visões de mundo, de interesses de grupos específicos como valores universais, correspondendo a um cenário já dado ou a uma ideia de bem comum. Essa orquestração de vozes não tem a ver com uma condição dialógica, mas configura uma realidade totalizante que suprime, deslegitima ou condena a um plano inferior as ideias, os imaginários e os interesses contrastantes, dissonantes e críticos a essa hegemonia. Entendemos que a hegemonia econômica representada pelo capitalismo de nosso tempo produz o imaginário de uma *sociedade neoliberal* (Dardot; Laval, 2016), sustentada pelo ideal empresarial de si.

Os discursos hegemônicos associados ao capitalismo neoliberal interpelam os sujeitos como responsáveis pelo seu sucesso e pelo seu fracasso, bem como pelo gerenciamento de seu capital humano para que se sustentem como *mercadorias desejáveis* (Bauman, 2008), em adequação contínua a um mercado flexível, competitivo, baseado na lógica concorrencial. Nesse sentido, Hilgers (2011) define três eixos para sua abordagem antropológica do neoliberalismo: *neoliberalismo como cultura* (baseada em crenças e práticas comuns características de uma visão neoliberal do mundo); *neoliberalismo como sistema* - ou o “[...] neoliberalismo como um sistema ou estrutura que constitui uma rede de relações entre diferentes posições no espaço social” (Hilgers, 2011, p. 355, tradução nossa⁶) - e o *neoliberalismo como governamentalidade* (relacionado com a fundadora leitura biopolítica foucaultiana), resumido pela noção de empreendedorismo como governo do *self* (Foucault, 2008).

No âmbito textual e intertextual, Guilbert (2020) colabora com uma abordagem específica ao definir o *discurso neoliberal*, que é intercambiável com a noção de *discurso econômico*. Esses discursos “[...] significam um conjunto de enunciados *mais ou menos coerentes*, que têm em comum a promoção de uma visão empreendedora e puramente econômica da vida e de todas as atividades humanas” (Guilbert, 2020, p. 22). As “marcas do discurso neoliberal” abordadas pelo autor correspondem aos atravessamentos intertextuais que transformam qualquer dimensão da vida passível de se tornar produtiva, no sentido econômico. A linguagem neoliberal é reconhecida pelo uso de termos correntes do mercado e pelas lógicas racionalizantes que organizam os enunciados e parametrizam as atividades sociais de forma geral.

Em nosso estudo, identificamos o discurso social do neoliberalismo na perspectiva da produção de subjetividades, de mentalidades, de competências atribuídas aos indivíduos,

mas que se interligam a um *mundo possível* (Lazzarato, 2006), a um futuro produzido e imaginado pelo próprio capitalismo. Tendo como eixo organizador dos discursos analisados a noção de *futures literacy*, ou *alfabetização de futuros* e suas derivações, buscamos compreender como esses textos, produzidos a partir de 2020 (ano inicial da pandemia da covid-19) e publicizados pelas redes digitais, constroem o cenário presente (diagnóstico) e delineiam o futuro por meio da prescrição de competências, de comportamentos, de uma modelagem a ser seguida pelos sujeitos de hoje. Tal realidade imaginada em um cenário futuro engloba o mundo do trabalho, o empreendedorismo, o ambiente corporativo e produtivo, que projetam o capitalismo do amanhã, segundo seus próprios agentes.

VISÕES DO FUTURO: ABORDAGENS TEÓRICAS E DISCURSOS NO CONTEXTO NEOLIBERAL

Morace (2013, p. 25), no esforço de definir a complexa noção de futuro, afirma: “O futuro representa uma imagem lançada adiante, como indica a palavra ‘projeto’, do latim *pro-jectus*”. A relação entre projeto e futuro é fundamental em nosso estudo, uma vez que a apropriação dessa noção pelo mercado “futurista” de consultorias, tendências, cursos, entre outros produtos sobrepõe o termo “projeto” à incerteza do amanhã, cunhando a noção de *futuros desejáveis* como forma de administrá-lo, de empreendê-lo por meio do uso sistemático de uma imaginação aplicada, pragmática, planejada como método.

Em contraponto a essa apropriação instrumental, alguns autores apresentam leituras da noção de futuro em perspectiva social e crítica. Carrico (2013) afirma que o futuro é uma construção dialógica estabelecida no presente, e que não prescinde do embate dialógico de ideias; como construção coletiva, e em uma abordagem mais democrática, não se baseia em uma visão totalizante e única, mas no choque entre diferentes que convivem para a construção de um futuro que não suprima extratos da sociedade em nome de um consenso.

O incontornável trabalho de Jameson (2021) sobre o futuro se associa à discussão sobre o caráter da Utopia, que remonta à tradição inaugurada pela obra de Thomas More (publicada pela primeira vez em 1516). Em seu livro, More cunha a noção de utopia por meio da projeção de um lugar ideal para a existência humana, a ilha de mesmo nome criada pelo autor. Nesse aspecto, futuro e Utopia compõem o mesmo exercício de imaginação de um outro lugar, de outras formas de viver, para além do presente e de sua existência concreta e/ou possível. O Utópico é definido como “um enclave imaginário dentro do

espaço social real” (Jameson, 2021, p. 45); ou seja, é um exercício interdependente de seu contexto histórico e cultural, que diz mais respeito à sua época (em termos da realidade concreta e de certa hegemonia do imaginário) do que aquilo que está efetivamente por vir no futuro (Minois, 2016). Jameson (2021, p. 40) alerta, no entanto, que há um equívoco na abordagem da Utopia com “expectativas positivas, como se elas oferecessem visões de mundos felizes, espaços de satisfação e cooperação, representações que corresponderiam, em termos de gênero, ao idílico ou ao pastoral, não à utopia”, visto que essa formulação corresponde mais a um receituário liberal para o consolo e o conforto dos burgueses.

Em nosso estudo, a visão de futuro como algo a ser projetado e organizado em chave positiva é aderente à ideologia empreendedora, cuja racionalidade aplicada à vida como um todo é a promessa de resultados esperados - baseada, por sua vez, em uma perspectiva de planejamento de si como antropotécnica (Rose, 2001). Nesse sentido, revela-se a essência da discussão proposta por Jason Moore (2020) sobre o capitalismo contemporâneo, que, para além de sua condição de sistema econômico, está entranhado na *trama da vida*. Moore discute o capitalismo como *projeto* e como *processo*. O processo do capital consiste em sua natureza histórica, com seus ciclos, com suas crises sistêmicas e como forma de poder hegemônico. Como *projeto*, o capitalismo é *uma forma de organizar a natureza* (Moore, 2020, p. 17), sustentada pelo imaginário do progresso, do homem como agente dominante do universo, que consolida seu poder destruidor/criativo na Era Moderna. Por ser crítico a esse ideário, Moore desloca a já consagrada noção de Antropoceno para propor o conceito de Capitaloceno, ao colocar o projeto capitalista como central para a definição desta era marcada por revoluções e reorganizações drásticas dos modos de produzir, consumir e viver da sociedade, em uma abordagem complexa, não evolucionista.

Nas primeiras linhas de sua extensa obra sobre a História do Futuro, Minois (2016, p. 1) afirma que “predizer é próprio do homem. É uma dimensão fundamental de sua existência. Todos nós temos um pé no presente e outro no futuro. Viver é antecipar incessantemente, e cada uma de nossas ações tende para um alvo situado no futuro”. Segundo o autor, passado, presente e futuro são indissociáveis, mas somente o futuro dá sentido e justifica nossos atos. No entanto, o problema surge da constatação que o futuro nos é desconhecido, o que reduz ou restringe a eficácia do resultado de nossas ações. O ideal de conhecer o futuro para imaginar e planejar a atividade humana, embora, historicamente

persiste, e é essa historicidade do futuro que é discutida em seu trabalho. Minois (2016, p. 2) também aponta que “predizer também é tentar controlar o futuro, determinar os acontecimentos antes que ocorram”. Nesse sentido, predizer também significa agir, compondo dois termos complementares, relacionados organicamente.

O importante da predição é a sua função de “terapia social ou individual” (Minois, 2016, p. 3); em tempos incertos, instáveis e atribulados como o nosso, é comum a proliferação de influenciadores, de profetas, de (pseudo)visionários, de agentes que assumem o lugar de especialistas e oferecem e mercantilizam a cura para a angústia diante da realidade ambivalente, a tranquilização, a capacitação para antecipar futuros. Futuristas, futurólogos, consultores de tendências, entre outras denominações parecem estar em destaque no momento atual, compondo uma cena que acrescenta algumas camadas à tradição da cultura do aconselhamento, discutida por Illouz (2011) e demais autores.

Como defende Minois (2016, p. 3), “a predição nunca é neutra ou passiva. Corresponde sempre a uma intenção, a um desejo ou a um temor; exprime um contexto e um estado de espírito”. Podemos complementar com a afirmação de que a predição tem um caráter ideológico, por corresponder a uma visão de mundo; e é atravessada pelo espírito do tempo, por se situar no horizonte do que é pensável e dizível em dado momento histórico, como discute Angenot (2010) em sua abordagem do discurso social. Talvez o principal interesse em relação à atividade preditiva, tanto para a obra de Minois quanto para este estudo, “reside no que elas [as predições] nos revelam acerca da época e do meio em que foram feitas” (Minois, 2016, p. 4). O cenário neoliberal e os agentes econômicos, bem como os demais enunciadores que se articulam a esse ideário compõem o contexto de produção e atribuição de sentido da noção de *futures literacy*.

ANÁLISE: HISTÓRIA DOS CONCEITOS E A NOÇÃO DE FUTURES LITERACY

Nosso trabalho busca seguir, de forma aplicada, a trilha aberta pela contribuição de Koselleck e sua história dos conceitos. Em suas palavras: “[...] a história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social ou político” (Koselleck, 2006, p. 103). O autor destaca a importância do estudo do campo semântico de conceitos-chave de dado contexto social; como historiador, demonstra como a história social

e a história dos conceitos são, de certa forma, interdependentes. Koselleck (2006, p. 102) defende que, após o período identificado como a Era das Revoluções - que compreende a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, “[...] os conceitos não servem mais para apreender os fatos de tal ou tal maneira, eles apontam para o futuro”. Sendo assim, “o interesse especial pelo emprego de conceitos político-sociais e a análise de suas significações ganham, portanto, uma importância de caráter social e histórico” (Koselleck, 2006, p. 101). O autor destaca a relevância do entendimento dos embates sociais pelo uso de termos “adequados” e as demarcações e significações estabelecidas por eles, relacionadas à defesa de tradições do passado, às renovações discursivas que evidenciam situações sociais de ruptura e às projeções de cenários futuros.

Compartilhando das preocupações de Koselleck em relação ao uso dos termos, iniciamos nossa análise com os esforços de definição de um conceito que ganha repercussão a partir das práticas comunicacionais e políticas de agentes globais: a noção de *futures literacy*. Sua concepção é atribuída à Unesco; elaborado em 2012 e utilizado pela entidade desde então, o conceito ganha relevo no contexto da crise sanitária e econômica da pandemia da covid-19. Em publicação de 2019, a própria Unesco delinea o sentido do termo:

Futures Literacy, uma habilidade universalmente acessível que se baseia na capacidade humana inata de imaginar o futuro, oferece uma solução clara e testada em campo para a pobreza da imaginação. A UNESCO, em seu papel de laboratório global de ideias na vanguarda do conhecimento humano, demonstrou que pessoas e comunidades em todos os lugares são capazes de se tornar mais alfabetizadas no futuro. Isso significa que elas são capazes de usar sua imaginação por diferentes razões, usando diferentes métodos, em diferentes contextos (tradução nossa)⁷.

A definição da Unesco, antes de tudo, parte de um diagnóstico do ser humano, ao tratar de sua capacidade de imaginar o futuro (condição ideal); identifica-o com um problema (a “pobreza da imaginação”); e apresenta a solução, situando-se como protagonista de uma transformação social por meio do desenvolvimento dessa capacidade potencial. Para tanto, afirma-se como “laboratório global de ideias na vanguarda do conhecimento humano”, capaz de elaborar uma “solução clara e testada em campo”, revelando marcas de um discurso científico que serve de estratégia para sua legitimação na identificação do problema e na formulação de uma solução - que, em última instância, é um projeto universal de sociedade, baseado na produção de um novo homem redefinido como dotado de imaginação sistemática, metódica e flexível. Em outra publicação de 2022,

intitulada *Reimaginar nossos futuros juntos* (Unesco, 2022, p. 69), o papel da alfabetização de futuros é reiterado em seu sentido utilitário: “Tornar-se ‘alfabetizado para o futuro’ é ter o poder de usar o futuro de forma mais eficaz e eficiente e ser mais capaz de se preparar, de se recuperar e de se inventar à medida que as mudanças ocorrem”. Tal abordagem utilitária do futuro, assim como a competência da “reinvenção”, são pontos de conexão fortes com o contexto da pandemia, e noções-chave da transposição da perspectiva pedagógica da Unesco para a sua apropriação pelo WEF.

Segundo Rose (2001, p. 50), “o ser humano é posicionado, instituído, por meio de um regime de dispositivos, olhares, técnicas que se estendem para além dos limites da carne”; esse processo de subjetivação, associado à noção de governamentalidade, coloca a imaginação ou a mente humana como alvo da gestão do *self*, organizada e institucionalizada pela entidade global e sua missão transcendente, universal. Uma das pistas dessa missão está evidenciada no lema, no slogan da Unesco: “construindo a paz na mente de homens e mulheres” (tradução nossa)⁸. A *futures literacy* se desdobra em dez habilidades, segundo a entidade, em texto publicado em 2021 (Figura 2):

Figura 2: Habilidades associadas ao *Futures Literacy* (FL), da Unesco



Fonte: Unesco (s/d).

Destacamos do quadro acima as competências que correspondem mais diretamente ao discurso neoliberal (Guilbert, 2020), ou seja, compõem essa formação discursiva e são interdependentes do campo semântico da economia, além de mobilizar significados relativos ao empreendedorismo, à cultura organizacional e principalmente à forma como os sujeitos são produzidos por essa cultura econômica: “Inovação” (o primeiro na hierarquia visual composta pelo gráfico), “Liderança”, “Estratégia” e “Resiliência”. Esses

termos constituem uma cadeia discursiva que enreda os sentidos de outros supostamente mais polissêmicos, mas que também são plenamente identificáveis no campo semântico: “Agilidade”, “Descoberta”, “Confiança”, “Escolha”, “Capacidade” e “Conhecimento”. Tais palavras compõem o quadro amplo de um sujeito imaginado em torno da “antecipação e gestão de futuros”: a capacidade de identificar, descobrir tendências, projetar futuros é base para aplicar o conhecimento, a leitura de cenários às chamadas “tomadas de decisão” das lideranças, a partir de escolhas corretas, confiança e agilidade para empreender e se ajustar aos fluxos do capital.

Nesse aspecto, é fundamental retomar as análises de Sennett (2006; 2007) a respeito das transformações do mundo do trabalho no cenário da cultura do “novo capitalismo”: o autor destaca a noção de “aptidões potenciais” como elemento-chave de uma forma inédita de conceber e avaliar competências. Essa noção busca superar a avaliação baseada na “perícia”, que é um saber especializado, correspondente às competências e saberes acumulados dos trabalhadores em sua trajetória de carreira - o que, considerando-se os fluxos do capital na chamada Nova Economia, sustentada pelo imaginário da flexibilidade, seriam entraves, obstáculos, impedimentos às adaptabilidades constantes dos negócios à lógica concorrencial e predatória do Mercado. Segundo Sennett (2007, p. 108),

No esquema da meritocracia, o processo de avaliação do talento tem portanto um núcleo macio, que diz respeito ao talento entendido de uma forma específica, como aptidão potencial. Em termos de trabalho, o “potencial” humano de uma pessoa define-se por sua capacidade de transitar de um tema a outro, de um problema a outro. A aptidão para se movimentar dessa maneira assemelha-se ao trabalho dos consultores, no sentido amplo.

Dessa forma, a falácia meritocrática resume o talento desejável para o novo trabalhador à sua capacidade de se adaptar a cenários futuros; o “potencial” do trabalhador se transforma em competência desejável, ajustada aos novos tempos do capitalismo “leve”, de “núcleo macio”, como sugere Sennett.

Nesse sentido, vale chamar a atenção do leitor novamente para a Figura 1 deste artigo: a proposta das competências para “um mundo pós-pandêmico”, do WEF, que foi traduzida e publicizada pelo Voicers - um “ecossistema digital de educação que busca democratizar o acesso às tecnologias e tendências futuras, que ajudarão a desenvolver as pessoas a usá-las de forma exponencial e positiva”⁹ - traz a imagem original da publicação do WEF acompanhada do logotipo da instituição e de outra denominação: “*Soft Economy*”. Sem que avancemos no debate econômico, vale ressaltar que a *Soft Economy* é uma das

denominações que representam o capitalismo contemporâneo, apoiado na ideologia do Vale do Silício e no mundo possível e imaginado construído pelas *Big Techs*. Em resumo, uma economia digital que se coloca no estágio mais recente de uma escala “evolutiva” do capitalismo e que se alimenta do imaginário tecnológico que atribui “leveza”, “maciez”, virtualidade para o capitalismo - vale ressaltar, ele continua a produzir bens industriais, a destruir a natureza e a se relacionar com o meio ambiente de forma a construir a *sociedade de risco* analisada por Beck (2011). O Voicers representa essa vitrine digital da Nova Economia, transformando em mercadoria as narrativas, os serviços, as consultorias, as pedagogias e o aconselhamento digitais, com especialização em “futuros”, o termo corrente para esse mercado, que produz sujeitos adequados ao cenário econômico.

Observamos os deslocamentos de sentido do enunciado sobre *futures literacy* quando o WEF se apropria da noção concebida pela Unesco para atualizar a sua já conhecida lista de competências para o futuro do trabalho. O WEF apresenta dessa forma o cenário social da pandemia, em 2020:

A pandemia é antes de mais nada uma tragédia humana, mas também abala os pilares sobre os quais assenta a nossa sociedade.

Este choque no planeta criou uma expectativa de grandes mudanças que nos levarão a um mundo diferente e, esperançosamente, melhor. Mas como devemos nos preparar para essas mudanças? Onde devemos intervir e com quais prioridades? Quais são as oportunidades que devemos aproveitar e os riscos para mitigar? O que precisa ser melhorado e o que precisa ser transformado?¹⁰

Destacamos a já conhecida forma como o discurso econômico dialoga com os contextos de tragédias humanas: a pandemia da covid-19 é tratada, para além da tragédia, como geradora de “expectativa de grandes mudanças”, o que significa, no âmbito do discurso neoliberal, tratar-se de uma *oportunidade para a inovação*. Esse aspecto é claramente colocado por meio da questão: “Quais são as oportunidades que devemos aproveitar e os riscos a mitigar?”. Na imagem que representa visualmente essa leitura (Figura 1), um jovem utiliza uma máscara respiratória com filtro de ar para se proteger da contaminação pelo vírus da covid; das entradas de ar da máscara brotam flores. Se a pandemia esteve associada à memória de milhões de mortes ao redor do mundo, a flor que nasce da máscara traduz uma ideia da superação dessa etapa e do surgimento de uma nova era, a “pós-pandêmica”. O contraste visual traduz o risco como uma situação em que pode ser criado algo inusitado, com conotação positiva, o que está situado no campo semântico da inovação. O neoliberalismo como cultura é traduzido por diversas

alegorias relacionadas à figura do empreendedor: a imagem que ilustra a apresentação das competências laborais do futuro é mais uma dessa imensa galeria, que alça a atividade empreendedora a uma dimensão mítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando ao discurso do WEF, essa espécie de enunciado “inspirador” de novos discursos para outros atores econômicos apresenta as quatro habilidades adequadas a “um mundo pós-pandêmico”, a saber: *alfabetização de futuros, antecipação, pensamento sistêmico e previsão estratégica*. Sem que precisemos esmiuçar seus significados, podemos constatar que três deles se referem à mesma competência - a de se alfabetizar em futuros para, a partir do “pensamento sistêmico”, antecipar (predição) e prever futuros com fins estratégicos, de forma planejada.

A relação entre oportunidade e risco é a essência da abordagem dos relatórios anuais do WEF intitulados *Global Risks Report*; podemos dizer que tais documentos são um dos suportes por meio dos quais os comportamentos (*skills*) projetados para o futuro são veiculados e disseminados digitalmente e em acesso aberto. Dessa forma, escapando ao dimensionamento dos efeitos nefastos da pandemia para a sociedade, como as mortes, os inúmeros males que atingiram os sobreviventes (de sequelas de contaminações e tratamentos médicos derivados do coronavírus, até quadros depressivos e fobias sociais por conta do isolamento social, medo etc., até os problemas econômicos gerados, como demissões, falências de negócios, dívidas acumuladas), a abordagem do artigo do WEF diagnostica um cenário *favorável a mudanças* (entendidas como reformas no interior do próprio capitalismo) e *aberto a oportunidades*.

Tal visão gerencial da vida, promovida pelo WEF para reorganizar a retomada da economia no cenário pós-pandemia, foi replicada por agentes locais, inclusive na cena brasileira - o site Voicers, discutido acima, é um exemplo significativo dessa incorporação de discursos globalizados na cena local. O novo elo na cadeia discursiva associado ao *futures literacy*, agora situado no cenário pandêmico e mais diretamente relacionado com a vida econômica, enunciado por um dos principais agentes globais do capitalismo, serviu para gerar novas tramas discursivas. Essa cadeia “inspirada” pelo diagnóstico e pelas soluções, seguindo os mesmos preceitos das diretrizes do discurso do WEF, reafirma a abordagem da pandemia como oportunidade para o desenvolvimento de um projeto de si, visando ao gerenciamento do próprio futuro. O futuro de si e os futuros se entrelaçam em uma

proposta que é, em última instância, uma convocação para o empreendimento de si, para “escapar” do cenário da pandemia em chave positiva e motivacional por meio das técnicas racionalizantes do gerenciamento neoliberal.

REFERÊNCIAS

ANGENOT, Marc. **El discurso social: los limites históricos de lo pensable y lo decible**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2010.

AS 4 HABILIDADES necessárias para um mundo pós-pandêmico. **Voicers**, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://voicers.com.br/as-4-habilidades-necessarias-para-um-mundo-pos-pandemico/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

CARRICO, Dale. Futurological discourses and posthuman terrains. **Existenz**, v. 8, n. 2, p. 47-63, 2013. Disponível em: <https://existenz.us/volumes/Vol.8-2Carrico.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2025.

CASAQUI, Vander. Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. **E-Compós**, v. 20, n. 2, p. 1-18, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.1355>.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Birth of biopolitics**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2008.

GUILBERT, Thierry. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Campinas: Ed. Unicamp, 2020.

HILGERS, Mathieu. The three anthropological approaches to neoliberalism. **International Social Science Journal**, v. 61, n. 202, p. 351-364, 2011. DOI: 10.1111/j.1468-2451.2011.01776.x. Acesso em: 18 mar. 2023.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JAMESON, Fredric. **Arqueologias do futuro: o desejo chamado Utopia e outras ficções científicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MATUS, Claudia; TALBURT, Susan. Producing global citizens for the future: space, discourse and curricular reform. **Compare: A Journal of Comparative and International Education**, v. 45, n. 2, p. 226-247, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/03057925.2013.842682>.

MINOIS, Georges. **História do futuro: dos profetas à prospectiva**. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

MOORE, Jason W. **El capitalismo en la trama de la vida**. Ecología y acumulación de capital. Madrid: Traficantes de Sueños, 2020.

MORACE, Francesco. **O que é o futuro?** São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2013.

NATALE, Ricardo. Os 5 fenômenos do futuro do trabalho. Entrevistado: Tiago Mattos. **InvestNews**, 9 nov. 2020.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? **Educação & Realidade**, v. 26, n. 1, p. 34-57, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/41313>. Acesso em: 19 nov. 2025.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação**. Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação: UNESCO; Boadilla del Monte: Fundación SM, 2022.

NOTAS FINAIS

1. “Os 5 fenômenos do futuro do trabalho”, matéria de Ricardo Natale para o site InvestNews publicada em 9/11/2020. Disponível em: <https://investnews.com.br/colunistas/os-5-fenomenos-do-futuro-do-trabalho/>. Acesso em: 22 mar. 2025.
2. Um breve histórico da pandemia da Covid-19 pelo ponto de vista da OMS pode ser lido no link: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 18 mar. 2025.
3. Documentos e relatórios com caráter oficial, publicados por órgãos governamentais ou organizações globais, produzidos em “círculos de reflexão”, ou “laboratórios de ideias” - são traduções aproximadas do que são os *think-tanks*.
4. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2020/08/the-four-skills-to-make-the-world-better-after-covid-19/>. Acesso em: 22 mar. 2025.
5. Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/series/global-risks-report/>. Acesso em: 22 mar. 2025.
6. Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/series/global-risks-report/>. Acesso em: 22 mar. 2025.
7. No original: “[...] neoliberalism as a system or structure constituting a network of relations between different positions in the social space”.

8. No original: “Futures Literacy, a universally accessible skill that builds on the innate human capacity to imagine the future, offers a clear, field tested solution to poverty-of-the-imagination. UNESCO, in its role as a global laboratory of ideas at the cutting edge of human knowledge, has demonstrated that people and communities everywhere are capable of becoming more futures literate. This means they are able to use their imaginations for different reasons, using different methods, in different contexts”. Disponível em: <https://events.unesco.org/event?id=255234025&lang=1033>. Acesso em: 17 mar. 2023.
9. No original: “building peace in the minds of men and women”. Disponível em: <https://en.unesco.org/futuresliteracy/about>. Acesso em: 22 mar. 2025.
10. Disponível em: <https://www.voicers.com.br/o-que-e-o-voicers/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SOBRE O AUTOR

VANDER CASAQUI Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP-SP). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutorado pela Universidade Nova de Lisboa. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (processo no. 311816/2022-3). Versão modificada e ampliada de trabalho apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade do 32º Encontro Anual da Compós. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 03 a 07 de julho de 2023. E-mail: vcasaqui@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 01 de abril de 2025.

Artigo aceito em: 10 de novembro de 2025.